

A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM RELAÇÃO ÀS QUESTÕES AMBIENTAIS NA PERSPECTIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

João Mendes da Rocha Neto¹
Késsia Gomes de Lima²

Resumo: Este artigo apresenta e discute os resultados de um estudo exploratório realizado com alunos do nível médio de duas escolas do Distrito Federal e procurou analisar a percepção que os alunos da primeira série do ensino médio têm das questões relacionadas ao meio ambiente. Foram aplicados questionários aos alunos, cujas questões tratavam sobre o conhecimento dos mesmos em relação às questões ambientais. A formulação das questões pautou-se pela fundamentação teórica encontrada na bibliografia especializada, bem como se orientou pelos conteúdos dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Os resultados demonstraram que grande parte dos entrevistados acha importante os temas relacionados ao meio ambiente, mas ao mesmo tempo há uma distorção quando analisado os hábitos diários.

Palavras-chave: Meio Ambiente; Percepção; Problemas Ambientais; Consciência Ambiental; Pesquisa Aplicada.

THE PERCEPTION OF HIGH SCHOOL STUDENTS ON ENVIRONMENTAL ISSUES IN PERSPECTIVE OF SOCIAL REPRESENTATIONS

Abstract: This paper presents and discusses the results of the exploratory study with high-school students of two state schools of Distrito Federal and analyze the perception that the students of the 1st year of high school have issues related to the environment. Questionnaires were applied to students whose issues treated on the knowledge of ourselves in relation to environmental issues. The formulation of the questions were guided by theoretical foundation found in the professional literature and was guided by the content of the National Curriculum Standards. The results showed that most respondents think important issues related to the environment, but at the same time there is a distortion when analyzed daily habits.

Keywords: Environment; Perception; Environmental Problems; Environmental Awareness; Applied Research.

¹ Geógrafo, Mestre e Doutor em Administração Pública, Professor do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade de Brasília e do Curso de Geografia da Universidade Aberta do Brasil/UnB. E-mail: jmdrn@uol.com.br.

² Graduada em Geografia, Especialista em Meio Ambiente. E-mail: kessiagomesl@gmail.com.

ARTIGOS

Considerações iniciais

A Educação Ambiental constitui-se como uma importante dimensão a ser incorporada ao processo de formação dos indivíduos, trazendo toda a complexidade que envolve o tema e do seu entendimento permeado de contradições frente a realidade que se coloca.

Considerando a importância da temática ambiental e a visão integrada do mundo, no tempo e no espaço, o meio escolar adquire uma posição privilegiada na elaboração dessa visão complexa e da tomada de consciência que envolve o meio ambiente nas suas distintas escalas e problemáticas.

Entre as questões centrais que se relacionam ao meio ambiente, o processo de degradação tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões entre os vários segmentos sociais, na mídia e, recentemente, tem sido objeto de políticas públicas voltadas, principalmente, ao processo educacional. Assim, dentre várias formas possíveis de se trabalhar a Educação Ambiental, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) afirmam ser a interdisciplinaridade essencial ao desenvolvimento de temas ligados a questão, sendo necessário desfragmentar os conteúdos e reunir as informações dentro de um mesmo contexto, nas várias disciplinas.

A utilização das representações sociais, atualmente, vem se expandindo pelas diversas vertentes do conhecimento geográfico, principalmente a análise de fenômenos relacionados ao meio ambiente. Sua utilização é importante para enriquecer o ensino da Geografia, servindo ao aluno como um recurso para uma maior compreensão e interesse em relação ao temário diversificado desse campo do conhecimento, permitindo identificar, inclusive, a sua importância como agente na construção e apreensão do espaço, a partir de suas vivências, do seu cotidiano, da sua realidade e visão de mundo.

Nesse sentido, o objetivo principal do presente artigo foi analisar, a partir das representações sociais, as “visões” dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais e verificar qual o seu nível de entendimento e consciência sobre tais problemas. Assim, foi necessária uma

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

revisão teórica que versou sobre o método de utilização das representações, além da consulta a documentos oficiais que orientam a aplicação desses conhecimentos, sobretudo, na questão ambiental. A pesquisa de campo foi realizada no Centro Educacional Gisno, situado em Brasília, DF, no mês de agosto de 2014 e contou com a participação de 117 alunos de distintas turmas da primeira série do ensino médio. Para obter as informações que foram a base da análise, foi elaborado um questionário composto por questões objetivas referentes ao meio ambiente de forma geral.

O artigo estrutura-se a partir de uma digressão teórica e histórica sobre a Educação Ambiental, partindo de um olhar mais geral até a sua entrada nas agendas governamentais como instrumento na formação dos cidadãos. Em seguida, há uma explicação conceitual sobre a escolha metodológica do trabalho, que se debruça, de forma breve, sobre as representações sociais no contexto da geografia, para então entrar na explicação da pesquisa e apresentar seus resultados de forma analítica, o que permite chegar a algumas conclusões trazidas ao final do texto.

Contribuições Teóricas para o Debate sobre Educação Ambiental

O conceito de Educação Ambiental (EA) foi, inicialmente, definido na Conferência Intergovernamental sobre a Educação Ambiental, realizada em Tbilisi, Geórgia, ex-república soviética em 1977. Na ocasião foi proposta uma ampla ação pedagógica orientada para a solução de problemas ambientais concretos por intermédio de enfoques interdisciplinares e da participação ativa de cada indivíduo e da coletividade³. Essa Educação definiu-se, conseqüentemente, como resultado de uma reorientação e articulação de diversas disciplinas e experiências que abarcassem o debate emergente (e urgente) das questões ambientais no mundo.

³ UNESCO. *La educación ambiental: las grandes orientaciones de La Conferencia de Tbilisi*. Paris, 1980.

ARTIGOS

Segundo os documentos oficiais, na Conferência de Tbilisi, tentou-se obter um mínimo de uniformidade de procedimentos por intermédio da conceituação de meio ambiente e da definição dos objetivos, características, recomendações e estratégias da Educação Ambiental. Assim, o meio ambiente, consoante às definições de Tbilisi, abrange tanto os recursos naturais do planeta quanto às instituições e valores historicamente construídos.

Esta conceituação explicitou a necessidade de se incorporarem as dimensões social, ética, cultural, política e econômica de modo interdisciplinar/transversal, tanto na resolução dos problemas ambientais, quanto nas atividades de ensino/pesquisa em Educação Ambiental.⁴

O Brasil não participou da Conferência de Tbilisi, mas, um pouco antes, reuniu um grupo de especialistas para produzir o primeiro documento oficial do governo brasileiro sobre este tema. Assinado pela Secretaria Especial do Meio Ambiente e pelo Ministério do Interior, o documento “Educação Ambiental” já introduzia princípios e objetivos para o tema. O documento brasileiro define que: “[...] o objetivo específico do processo de Educação Ambiental é criar uma interação mais harmônica, positiva e permanente entre o homem e o meio criado por ele, de um lado e o que ele não criou, de outro [...]” e que, para isso, se deveria “[...] considerar o ambiente ecológico em sua totalidade: o político, o econômico, o tecnológico, o social, o legislativo, o cultural e o estético; na educação formal.” Para completar, informava que “[...] não poderá ser mantida a tradicional fragmentação dos conhecimentos ministrados através de disciplinas escolares consideradas como compartimentos isolados.”⁵

A Educação Ambiental surge como resposta ao projeto epistemológico positivista e homogeneizador do mundo, inserindo-se entre as reivindicações por democracia, equidade, justiça, participação e

⁴ FONSECA, Valter Machado da; BRAGA, Sandra Rodrigues; CICILINI, Graça Aparecida. A Educação Ambiental como possibilidade de unificar saberes. In: *Revista Terra Livre*, Presidente Prudente, v. 1, n. 28. Jan-Jun, 2007. p. 239-256.

⁵ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino de primeira à quarta série*. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 39.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

autonomia, que questionam a concentração do poder do Estado e do mercado. Eclode, assim, como outra racionalidade social, orientada para novos valores e saberes, além de formas de produção em bases ecológicas e com significados culturais, guiados por novas formas de organização democrática.⁶

O engajamento do cidadão e a percepção dos problemas ambientais locais são o primeiro passo para o sucesso das atividades em EA, de acordo com os princípios da Conferência de Tbilisi⁷, tais como: a) Consciência - para ajudar os indivíduos e grupos sociais na busca da progressiva assimilação da consciência necessária dos problemas do meio ambiente global; b) Conhecimento - para adquirir uma diversidade de experiências e a compreensão fundamental do meio ambiente e dos problemas que o afetam; c) Comportamento - comprometimento com os valores éticos, tal que os indivíduos se sintam interessados pelo meio ambiente, participando assim da proteção e da melhoria ambiental; d) Habilidades - para adquirir as habilidades necessárias para a correta identificação e resolução de problemas ambientais; e e) Participação - visando proporcionar a participação ativa nas tarefas que busquem resolver os problemas ambientais.

Nesta abordagem, é imprescindível sintonizar as diferentes realidades políticas, econômicas, sociais, culturais e ecológicas locais. Assim, a Educação Ambiental deve objetivar a construção de novas relações sociais, econômicas e culturais, relações de respeito às minorias étnicas e às populações tradicionais, à mulher e a liberdade para edificar alternativas de desenvolvimento sustentável, respeitando os limites dos ecossistemas.

⁶ FONSECA, Valter Machado da; BRAGA, Sandra Rodrigues; CICILINI, Graça Aparecida. A Educação Ambiental como possibilidade de unificar saberes. In: *Revista Terra Livre*, Presidente Prudente, v. 1, n. 28. Jan-Jun, 2007. p. 239-256, p. 251.

⁷ UNESCO. *La educación ambiental: las grandes orientaciones de La Conferencia de Tbilisi*. Paris, 1980.

ARTIGOS

Logo, era necessário definir o foco de assuntos a serem abordados em Educação Ambiental, de maneira que a ação pedagógica pautados no ensino contextualizado, integrando o conhecimento sistematizado e a realidade dos sujeitos sociais envolvidos, possibilitando à sensibilização, o comprometimento e formação de uma consciência ambiental; bem como, desenvolver competências, tais como a análise, decisão, planejamento e pesquisa, bases para o pleno exercício da cidadania.⁸

Uma das grandes dificuldades enfrentadas no campo da Educação Ambiental relaciona-se à avaliação de suas atividades, tendo em vista que um dos seus princípios é sensibilizar indivíduos e a sociedade em geral, em relação ao meio ambiente, para que, sensibilizados e conscientizados, possam mudar valores e, conseqüentemente, comportamentos⁹.

Para que esses conteúdos adquirissem visibilidade e pudessem, de fato, se incorporar à formação dos cidadãos, foi necessário incorporá-los aos documentos orientadores do sistema educacional brasileiro, na perspectiva da complexidade que o tema requer, conforme será discutido na seção seguinte do artigo.

A Importância da Interdisciplinaridade da temática ambiental para educação

Embora a pesquisa apresente resultados distintos, temas relativos ao meio ambiente são obrigatórios como já visto anteriormente e são objeto, inclusive de dispositivos legais a exemplo da Lei federal nº. 9795/99, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental. O diploma legal define, no seu artigo 5º, como objetivos fundamentais da educação ambiental:

[...] I) O desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações; II) A garantia de democratização das informações ambientais; III) O fortalecimento da consciência crítica sobre a problemática

⁸ FONSECA, Valter Machado da; BRAGA, Sandra Rodrigues; CICILINI, Graça Aparecida. A Educação Ambiental como possibilidade de unificar saberes. In: *Revista Terra Livre*, Presidente Prudente, v. 1, n. 28. Jan-Jun, 2007. p. 239-256, p. 252.

⁹ DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo. Gaia/Global, 1993.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

ambiental e social; IV) O incentivo à participação individual e coletiva na preservação do equilíbrio e qualidade ambientais; V) O estímulo à cooperação entre as diversas regiões do país; VI) O fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia; e VII) O fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.

Esse conjunto de dispositivos legais necessita, no entanto, de estratégias para sua adequada inclusão no sistema educacional. Para tanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) foram fundamentais. Com os PCN's, se buscou eixos orientadores para os conteúdos a serem ensinados pelos professores no trato de temas diversos e entre eles o ambiental.¹⁰

Compõem os PCN's, também documentos referentes aos temas transversais, assim chamados por já indicarem “[...] a metodologia proposta para sua inclusão no currículo e seu tratamento didático¹¹”. Estes temas, que são a ética, a saúde, o meio ambiente, a orientação sexual e a pluralidade cultural foram incorporados a fim de atender ao compromisso de construir a cidadania a partir “[...] da compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental.¹²”. Não devem ser entendidos como novas disciplinas, mas abordados de forma integrada entre as diferentes áreas do conhecimento, considerando a inserção sistemática dos temas tratados de forma transversal.

Os PCN's resultam de um contexto sócio-econômico, histórico e, em consonância com a atmosfera das discussões globais a respeito das questões ambientais, também conceituam o que é Educação Ambiental e

¹⁰ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino de primeira à quarta série*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

¹¹ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino de primeira à quarta série*. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 25.

¹² BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino de primeira à quarta série*. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 15.

ARTIGOS

Sustentabilidade, bem como a importância de ambas no atual cenário mundial.¹³

Verifica-se, assim, que as ideias defendidas por muitos movimentos, encontros e documentos que tratam da importância da Educação Ambiental como forma de mobilização frente à degradação ambiental, também se expressam nos PCN's.¹⁴

De acordo com as orientações dos PCN's, a Educação Ambiental, assim como todos os temas transversais, deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, algo que, na prática, acaba não acontecendo. Apesar da importância dos PCN's para a inserção da Educação Ambiental nas escolas, segundo Bizerril e Faria¹⁵ “[...] resta a dúvida sobre os limites da capacidade das escolas em compreender as propostas contidas no documento, bem como em ter motivação suficiente ou metodologia para executá-las”. Isso porque o trabalho interdisciplinar ainda é visto com muita dificuldade por grande parte dos professores.

Um dos motivos dessa dificuldade é, sem dúvida, o medo de exposição. Assim, muitos professores que preferem continuar trancados em suas salas de aula a expor seu trabalho diante dos outros, se abrindo e se sujeitando a possíveis críticas. Além disso, professores de disciplinas consideradas importantes tendem a se afastar de projetos que não tratem de seus conteúdos específicos, alegando precisar de tempo para poder cumprir seus planos de curso. Bizerril e Faria¹⁶ apresentam, ainda, o relato de uma professora do Distrito Federal que descreve esta situação: “A gente vê muita resistência. Matérias academicamente mais importantes têm sempre um espaço muito limitado para tentar ter uma discussão coletiva na

¹³ BUENO, Aline Chitero e OLIVEIRA, Edilson Moreira de. *Os parâmetros curriculares nacionais e a problemática ambiental*. In: *Revista Travessias*, Ed. 05, 2009, p. 1-11, p. 7.

¹⁴ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino de primeira à quarta série*. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 15.

¹⁵ BIZERRIL, Marcelo; FARIA, Dóris. (2001). Percepção de professores sobre a educação ambiental no ensino fundamental. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 82, n. 200/201/202, jan./dez. p. 57-69, p. 61.

¹⁶ BIZERRIL, Marcelo; FARIA, Dóris. (2001). Percepção de professores sobre a educação ambiental no ensino fundamental. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 82, n. 200/201/202, jan./dez. p. 57-69, p. 61.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

escola. [...] Eu acho que os professores não estão preparados para a interdisciplinaridade, estão muito fechados.”

Um dos motivos para essa postura reticente, de acordo com os professores, é que a universidade não os preparou para a interdisciplinaridade, erro que ainda hoje persiste nos cursos de licenciatura¹⁷. Um bom exemplo disso é a dificuldade que os docentes encontram em adotar metodologias, alternativas ou técnicas de ensino baseadas em abordagens inovadoras, a exemplo das representações sociais.

A Geografia das Representações e as representações da geografia no ambiental

Desde a mais remota época o homem sempre esteve preocupado em desvendar e representar o espaço por ele trilhado. Num primeiro momento, através das pinturas rupestres nas paredes das cavernas, posteriormente impressos nos mais diversos tipos de materiais. Essas representações eram provenientes da percepção que os grupos humanos tinham de seu ambiente, impregnados de valores da sua própria cultura.¹⁸

Partindo-se do pressuposto de que na base da problemática ambiental está a relação homem-natureza, sociedade humana-natureza, supõe-se que o estudo das representações sociais de natureza apresenta-se como um fértil campo para a aquisição de conhecimento, interpretação e

¹⁷ BIZERRIL, Marcelo; FARIA, Dóris. (2001). Percepção de professores sobre a educação ambiental no ensino fundamental. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 82, n. 200/201/202, jan./dez. p. 57-69.

¹⁸ TEIXEIRA, Salete Kozel e NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 13, n. 13, 1999. p. 239-257, p. 239.

ARTIGOS

reflexão dos diferentes olhares, valores, interesses, posições e práticas que circulam entre os grupos sociais acerca desse objeto.¹⁹

Já para os geógrafos, o conceito de representação espacial se estrutura na fusão de várias correntes contemporâneas, incorporando o conceito de representação social oriundo da psicologia. Cabe aqui destacar que a Teoria das Representações Sociais (TRS) é apresentada na perspectiva da apreensão dos conteúdos de composição e dos processos de formação das representações e define, segundo Moscovici apud Dias²⁰, uma instância no domínio do ser e outra no domínio do fazer. Para o autor²¹, uma representação é social na medida em que contribui para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais. E complementa: “[...] uma representação social é o senso comum que se tem sobre um determinado tema, onde se incluem também os preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas das pessoas”.²²

Assim sendo, a TRS apresenta-se como um referencial teórico e instrumento para a educação e a gestão ambiental, na identificação dos conhecimentos e das práticas sociais que se articulam no espaço relacional sociedade humana-natureza.²³

Caberia, sobretudo à geografia das representações entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como ideia que este é adquirido por meio de experiências (temporal, espacial e social), existindo uma relação direta e indireta entre essas representações e as

¹⁹ SILVA, Lúcia Maria Alves; GOMES, Edivânia Torres Aguiar; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Diferentes olhares sobre a natureza – representação social como instrumento para educação ambiental. *Revista Estudos de Psicologia Natal*, v. 10, n. 1, jan/abr, 2005. p. 41-51, p. 42.

²⁰ DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo. Gaia/Global, 1993, p. 74.

²¹ DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo. Gaia/Global, 1993, p. 77.

²² DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo. Gaia/Global, 1993, p. 80.

²³ SILVA, Lúcia Maria Alves; GOMES, Edivânia Torres Aguiar; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Diferentes olhares sobre a natureza – representação social como instrumento para educação ambiental. *Revista Estudos de Psicologia Natal*, v. 10, n. 1, jan/abr, 2005. p. 41-51, p. 42.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

ações humanas, ou seja, entre as representações e o imaginário, revolucionando a gênese do conhecimento, permitindo-nos compreender a diversidade inerente às práticas sociais, às mentalidades, aos “vividos”.²⁴

As representações em geografia constituem-se em citações individuais ou sociais de esquemas mentais estabelecidos a partir da realidade espacial inerente a uma situação ideológica, abrangendo um campo que vai além da leitura aparente do espaço realizada pela observação, descrição e localização das paisagens e fluxos, classificados e hierarquizados.

Neste sentido, Bailly citado por Teixeira²⁵, considera as representações como uma verdadeira revolução epistemológica no campo geográfico, abrindo várias perspectivas de pesquisa, principalmente na área didático-pedagógico. Assim, o ensino da geografia teria mais significado se priorizasse a pesquisa e análise das representações construídas pelas sociedades, considerando ainda o próprio aluno como agente de representações e conhecimentos necessários para entendimento das relações estabelecidas na organização espacial.

Percebe-se então que todo conhecimento geográfico está interligado a um contexto de representações sociais, que se difundem e podem ser integradas aos conhecimentos científicos a partir de vivências pessoais.

A percepção do homem a respeito de seu ambiente está ligada, portanto, à imagem subjetiva produzida por sua mente, referendada pelas relações afetivas, políticas e culturais. Essa abordagem tem como um dos principais precursores Yu-fu Tuan²⁶, que criou o conceito de “Topofilia” para designar essa ligação afetiva do indivíduo ao lugar ou ambiente físico.

²⁴ TEIXEIRA, Salete Kozel. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; TEIXEIRA, Salete Kozel. *Epistemologia da geografia*. Curitiba: EDUFPR, 2004, p. 215-232, p. 215.

²⁵ TEIXEIRA, Salete Kozel. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; TEIXEIRA, Salete Kozel. *Epistemologia da geografia*. Curitiba: EDUFPR, 2004, p. 215-232, p. 216.

²⁶ TUAN, Y-Fu. *Topofilia*. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1980.

ARTIGOS

Dessa forma, ao considerar a subjetividade nas análises espaciais, a geografia adquire um caráter mais abrangente de análise, tangenciando a psicologia, sociologia e a antropologia, enriquecendo o “fazer geográfico” como algo que ultrapassa as fronteiras de um único campo de conhecimento.

Cabe destacar que a revolução técnico-científica, a partir da década de 1980, passa a causar novos processos que exigem um olhar a partir das representações espaciais, que passam a se constituir não apenas num sistema referencial, mas, sobretudo, buscam compreender os sentidos da consciência individual e coletiva dos fenômenos, incorporando aspectos linguísticos e socioculturais as interpretações.

Um dos primeiros artigos publicados sobre a aplicação das representações em geografia foi escrito em 1986, por Audigier, ao documentar suas pesquisas didático-pedagógicas, no qual destaca que toda representação é o resultado de três elementos: apresentação e organização das informações; leitura do que foi representado, estabelecendo um paralelo entre o senso comum e o saber científico na construção do conhecimento e reportando-se às representações e à ciência.²⁷

Audigier mostra, assim, que o conhecimento proveniente do senso comum, explícito nas representações, opõe-se à construção do conhecimento científico, o que, segundo ele, constitui-se na *représentation de la représentation*, que predetermina a opinião de muitos pesquisadores, os quais se apóiam fundamentalmente na ideia de ruptura, reforçando uma concepção de representação frágil e limitada, portadora de subjetividades redutoras.

Ao resgatar a percepção humana com relação ao espaço e sua subjetividade na construção das representações mentais, a geografia embasa-se no método fenomenológico. Portanto, o suporte teórico e filosófico dos criadores e seguidores dessa nova corrente geográfica

²⁷ TEIXEIRA, Salete Kozel. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; TEIXEIRA, Salete Kozel. *Epistemologia da geografia*. Curitiba: EDUFPR, 2004, p. 215-232, p. 216.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

encontra-se na fenomenologia, no existencialismo e em outras escolas de filosofia crítica, que têm como base os valores e representações.²⁸

Os estudos sobre as representações revelam-se, no entanto, como uma vertente interessante para o campo geográfico, principalmente ao apresentar visões contraditórias de resistência e difusão de ideias.

A geografia, ao incorporar essa vertente, é enriquecida com novas problemáticas que a tornam mais rica nas interpretações, principalmente em relação ao enfoque ambiental e sociocultural. A partir da definição dos parâmetros de análise é possível desenvolver, no exercício da docência, um trabalho interessante tomando por base a geografia das representações.

Nesse sentido, é importante destacar que o foco dos geógrafos humanísticos tem se voltado para as diferentes representações e imagens que, ininterruptamente, os seres humanos constroem de seus ambientes, desde as escalas locais até as mundiais.²⁹ Logo, traça-se uma nova perspectiva de entendimento dos problemas e questões contemporâneos, a partir do mundo vivido pelo aluno, associando-o as diversas escalas e dimensões.

A geografia das representações, atualmente, vem se expandindo pelas diversas vertentes do conhecimento geográfico, propiciando a análise de fenômenos socioespaciais como: êxodo rural, urbanização, planejamento ambiental, turismo, pois os agentes ou atores sociais são pressionados pelos processos econômicos, tecnicismo, globalização. Entretanto, o percurso individual continua sendo marcado por significados, valores e escolhas pessoais, enriquecendo a compreensão dos processos espaciais por incorporar a “vivência do indivíduo” às análises. Apesar das diferentes interpretações, reflexo de pensamentos e visões de mundo, percebe-se que

²⁸ TEIXEIRA, Salete Kozel e NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 13, n. 13, 1999. p. 239-257, p. 240.

²⁹ AMORIM FILHO, Oswaldo; ABREU, João Francisco. Imagem, representação e geopolítica. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete. *Epistemologia da geografia*. Curitiba: EDUFPR, 2004, p. 233-252, p. 235.

ARTIGOS

o interesse científico pelos atores sociais tem aumentado de forma significativa em diversos campos do conhecimento e, em particular, na geografia.

Segundo Bailly citado por Teixeira e Nogueira³⁰, a Geografia das representações tem como preocupação entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como postulados principais: “[...] que o conhecimento humano é adquirido através de experiências, temporal, espacial e social e que as representações e o imaginário revolucionam a gênese do conhecimento, existindo uma relação direta e indireta entre essas representações e as ações humanas³¹”.

A leitura fenomenológica propicia a análise da relação entre a identidade do espaço e o mundo vivido, o que é destacado por Betanini citado por Teixeira e Nogueira³², quando afirma que: “[...] os objetos que constituem o tecido das relações espaciais foram dotados pelo homem de significados, o espaço, portanto, ‘fala’[...]”. Cabe à leitura fenomenológica desvendar os diversos sentidos desta fala, seja ela através de representações e mapas mentais, representações de conceitos espontâneos, seja pelos valores atribuídos à geografia e ao espaço.

Diante desta abordagem, pode-se entender as representações como um conhecimento que permite ao indivíduo se apropriar do mundo exterior, acompanhado de palavras e ideias comunicáveis.

Ao refletir mais profundamente sobre o real e o imaginário, surgem questionamentos sobre as bases teórico-conceituais da geografia das representações, tendo em vista que ao construir um conhecimento, as representações imbricam-se entre a concepção realista que embasa o real, o científico, a concepção idealista que dá suporte teórico imaginário e a

³⁰ TEIXEIRA, Salete Kozel e NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 13, n. 13, 1999. p. 239-257.

³¹ TEIXEIRA, Salete Kozel e NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 13, n. 13, 1999. p. 239-257, p. 240.

³² TEIXEIRA, Salete Kozel e NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 13, n. 13, 1999. p. 239-257, p. 240.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

concepção sociocultural que perpassa os dois conceitos, proporcionando a análise da teia de relações estabelecidas entre a sociedade e o espaço geográfico.³³

Entre as duas concepções opostas surgem inúmeras intermediárias e, entre elas, nem a realidade (objeto), nem o ser humano (sujeito) são o centro, mas o conhecimento pode ser elaborado pelos seres humanos como integrantes de uma realidade. Considera-se essa abordagem mais coerente por articular o real e o imaginário, o cotidiano e a fantasia, dentro de um contexto de representações sociais e ideológicas do mundo. Em suma, constitui-se numa concepção sociocultural que proporciona uma análise mais elaborada sobre a teia de relações estabelecidas entre a sociedade e o espaço geográfico.³⁴

As representações sociais estabelecem uma síntese entre os fenômenos cognitivos, afetivos e sociais, que na realidade estão completamente interligados, permitindo a incorporação de análises ideológicas, dos saberes populares e do senso comum. Para Jodelet³⁵, as representações sociais se constituem numa “forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

A relação complexa existente entre o real, o imaginário e o social, no sentido das representações, é frequentemente explicitada nas análises geográficas. Assim, as representações podem apreender o real anunciado e produzir a realidade objetiva opondo-se às subjetividades, constituindo-se na dialógica das representações espaciais, na qual contribuem para

³³ TEIXEIRA, Salete Kozel. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; TEIXEIRA, Salete Kozel. *Epistemologia da geografia*. Curitiba: EDUFPR, 2004, p. 215-232, p. 223.

³⁴ TEIXEIRA, Salete Kozel. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; TEIXEIRA, Salete Kozel. *Epistemologia da geografia*. Curitiba: EDUFPR, 2004, p. 215-232, p. 226.

JODELET, Denise. *Representação Social: fenômenos, conceitos e teorias*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.³⁵

ARTIGOS

evidenciar o espaço real que se pretende e o espaço produzido contribui para a elaboração das representações.

Estudar as coisas do mundo humano é na verdade se debruçar sobre o pensamento do outro, o texto do outro, sobre os valores dos outros e, nesse sentido, desenvolver um contínuo exercício para captar nas palavras a sua essência epistemológica, seu ponto de observação, valores sobre sua vida e seu mundo, seu mirante; premissa importante para todos os que trabalham com as ciências sociais.³⁶

A Geografia, diante deste enfoque, não pode deixar de considerar o indivíduo como construtor de imagens a partir de sua própria percepção de mundo. Assim sendo, as representações são advindas do real filtradas pelas criações sociais individuais. De acordo com Berque citado por Knafou³⁷, a geografia deve tentar “[...] reencontrar a realidade do mundo-ambiente tal qual nós a vivemos concretamente e não tal como é figurada pela racionalidade científica”.

Por todo o exposto, as representações devem ser vistas como mais uma forma de pensar e entender a “teia da vida” em suas múltiplas relações, permeando entre a realidade e os atores sociais ao realizar suas práticas, o que pode ser mais bem enfatizado pelas palavras de Bakhtin citado por Faraco³⁸: “[...] a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo [...] o homem participa deste diálogo com toda sua vida: com os olhos, lábios, alma, espírito, com todo seu corpo e com seus atos”.

A Geografia das Representações é importante para enriquecer o ensino da Geografia, instrumentalizando-o para uma maior compreensão e interesse por parte dos alunos, identificando inclusive a sua importância como agentes na construção e apreensão do espaço a partir de suas

³⁶ TEIXEIRA, Salete Kozel. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; TEIXEIRA, Salete Kozel. *Epistemologia da geografia*. Curitiba: EDUFPR, 2004, p. 215-232, p. 229.

³⁷ KNAFOU, Remy. *L'état de La géographie: autoscopie d'une science*. Paris: Berlim, 1997, p. 64.

³⁸ FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto de; TEZZA, Cristovão. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 1996, p. 119.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

vivências, do seu cotidiano, da sua realidade e visão de mundo. Nesse sentido ressaltou-se a contribuição de Galvão e Teixeira ao comentarem que:

[...] as representações podem ser analisadas tanto como produtos quanto processos. Produtos na medida em que são construídas a partir de procedimentos e entrevistas realizadas pelos pesquisadores, base para a compreensão dos processos. Processos na medida em que retratam análises das transformações sociais e espaciais³⁹.

Dessa forma, o desenvolvimento constante de investigações científicas pode ser um importante instrumento para professores, alunos e instituições de ensino, com vista a ampliação do conhecimento e melhoria e aperfeiçoamento de métodos e técnicas de ensino, sobretudo quando abordam temas transversais, a exemplo do meio ambiente, objeto da pesquisa aqui desenvolvida e que será detalhada na seção subsequente do artigo.

O “mergulho” no mundo particular dos alunos e suas relações com o meio ambiente

O presente estudo foi desenvolvido junto a 117 alunos da primeira série do ensino médio do Centro Educacional Gisno, no mês de agosto de 2014, de distintas turmas e grande parte deles residentes nas Regiões Administrativas de Brasília-DF.

Para obter as informações que foram a base da pesquisa, foi elaborado um questionário composto por oito questões objetivas referentes ao meio ambiente de forma geral, detalhadas no apêndice. A formulação das questões pautou-se pela fundamentação teórica encontrada na bibliografia especializada, bem como se orientou pelos conteúdos dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Depois de aplicados, os dados foram sistematizados

³⁹ GALVAO; Wilson; TEIXEIRA, Salette Kozel. Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas. In: Revista Ateliê Geográfico. Goiânia-GO v. 2, n. 3 dez/2008. p. 33-48, p. 38.

ARTIGOS

e analisados possibilitando apresentar os resultados, que são trazidos na seqüência.

A primeira questão se limitou a generalidade e opinião pessoal sobre a importância das questões ambientais que ocupam cada vez mais espaço nas discussões da sociedade contemporânea.

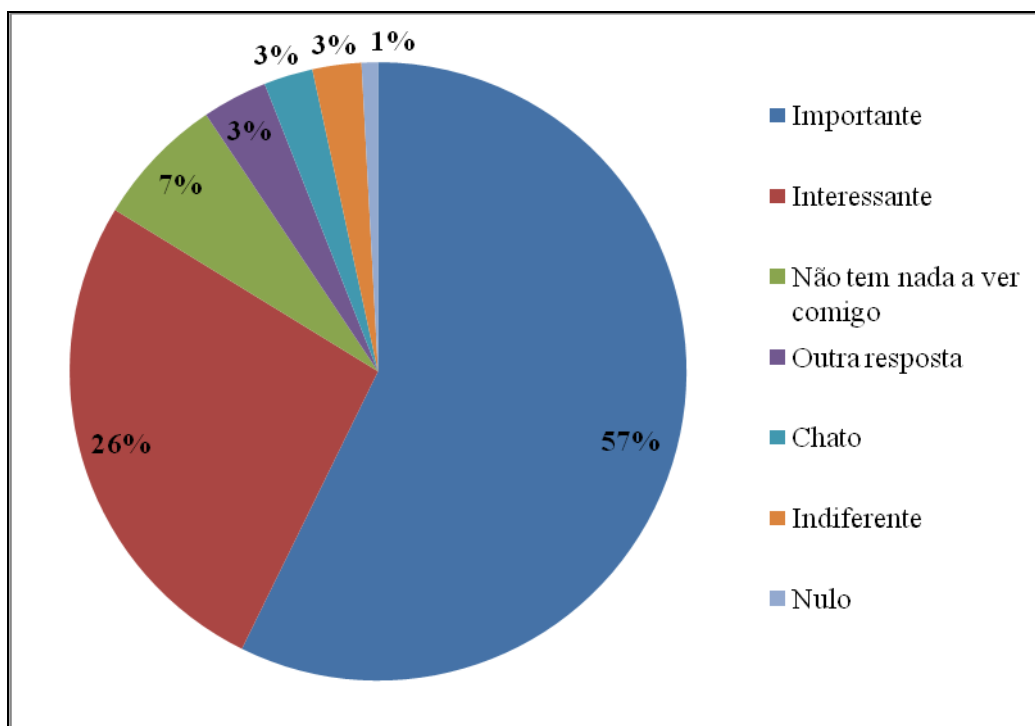


Figura 1 – Percepção dos alunos em relação às questões ambientais.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

A maioria dos alunos (57%) respondeu que o tema é importante, sendo que outros (26%) indicaram a questão como interessante, como mostra a Figura 1, que se apresenta na seqüência. A partir desses dados agregados é possível perceber que a temática possui um apelo e desperta alguma sensibilidade dos alunos. Isso pode ser decorrente da visibilidade que o assunto possui, sobretudo, na grande mídia, bem como das formas de comunicação e linguagem muito mais próximas do público jovem.

Ressalte-se que 13% dos pesquisados não estão sensíveis ao tema com posicionamentos reativos e negativos, conforme pode se visualizar. Somados aos 4% restantes que se mostram indiferentes, observou-se que

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

esse comportamento é minoria. No entanto, é importante conhecer as razões que levam a essa postura por parte dos alunos, o que ensejaria uma pesquisa qualitativa mais detalhada, investigando, inclusive como o tema é tratado no ambiente familiar e nos círculos de convivência do aluno. Nesse aspecto Galvão e Teixeira dão uma contribuição desse tipo de posicionamento ao comentarem:

Apesar de ser um processo de individuação, ou seja, uma ação subjetiva do sujeito, o resultado é impactado pelas modificações causadas pelas representações, de modo que sua abordagem é, eminentemente social, e em seu caráter fenomenal se realiza e cristaliza através da comunicação, em redes de conhecimento⁴⁰

A questão seguinte mostra a opinião dos entrevistados sobre os problemas que mais prejudicam o meio ambiente. Os alunos responderam de forma variada, porém a maioria apontou para a poluição atmosférica (112 vezes). Em seguida, apareceram as queimadas (108 vezes). Cabe salientar que os alunos poderiam marcar mais de uma alternativa, por isso o total de respostas apuradas ultrapassa o número de entrevistados.

⁴⁰ GALVAO; Wilson; TEIXEIRA, Salette Kozel. Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas. In: Revista Ateliê Geográfico. Goiânia-GO v. 2, n. 3 dez/2008. p. 33-48, p. 38.

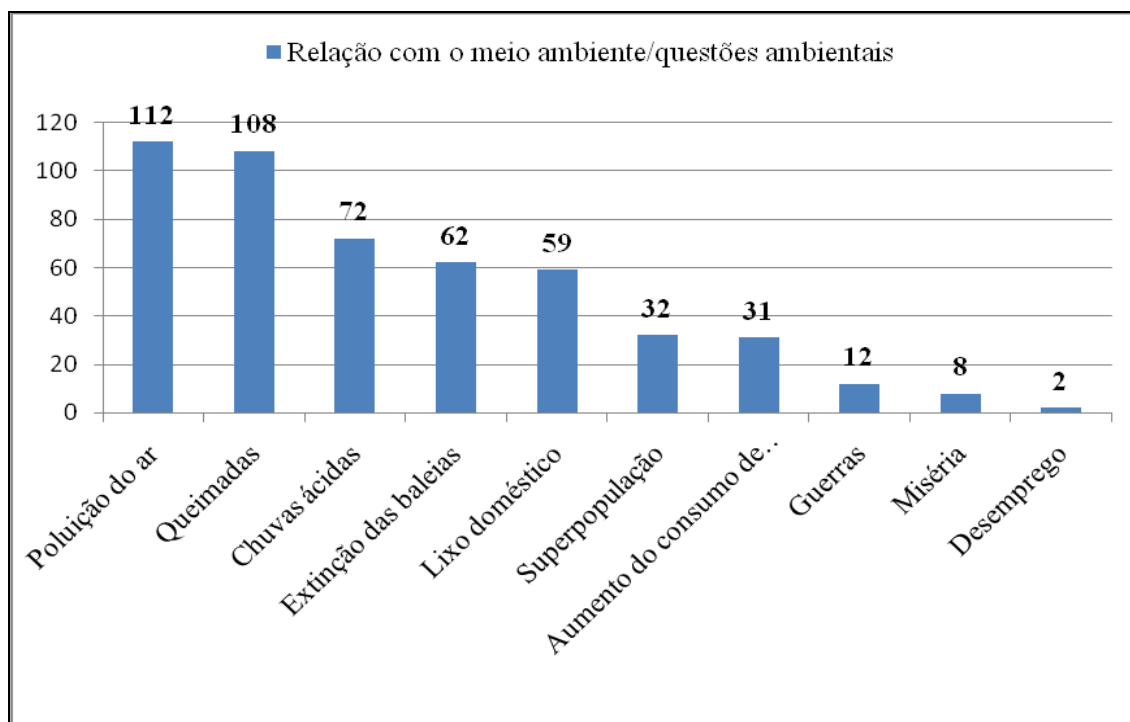


Figura 2 – Relação com o meio ambiente/questões ambientais.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Da mesma forma que a primeira questão, pode-se pensar que as respostas são induzidas a partir de um bombardeio de informações prestadas pela mídia de massa, que vêm constantemente pondo em evidência o aquecimento global, associando-o a uma série de acontecimentos recentes relacionados às alterações climáticas no globo.

Além dessa informação superficial que é trazida pela grande imprensa, alguns teóricos também abordam o assunto com grande relevância, a exemplo de Genebaldo Dias⁴¹, que relaciona a poluição do ar com os gases lançados na atmosfera por queimadas, indústrias, automóveis, etc.

Outra resposta que apareceu com frequência alta foram as queimadas muito comuns no entorno geográfico dos alunos, pois o Distrito Federal também é atingido pelo problema no período da “seca”. Todos os anos a mídia local noticia e monitora os focos de incêndio, em alguns momentos

⁴¹ DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo. Gaia/Global, 1993, p. 74.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

esses fenômenos adquirem contorno dramáticos quando tomam as áreas de proteção ambiental. Nesse aspecto:

As imagens estão a invadir nossas casas, os painéis e outdoors, acompanhando-nos onde quer que estejamos. Vivemos no mundo das imagens e pouco sabemos sobre elas. Às vezes, elas são tantas que passam tão rapidamente diante de nossos olhos, que mal podemos vê-las e ter a oportunidade de selecioná-las com propriedade.⁴²

Em uma escala intermediária se percebeu questões como chuvas ácidas, extinção das baleias e lixo doméstico, que não podem ser tratados uniformemente, uma vez que possuem proximidades distintas com a realidade dos alunos. No caso dos dois primeiros, o conhecimento disponível é forjado pelos veículos de imprensa e estão entre as grandes questões mundiais que envolvem o meio ambiente. O terceiro, embora, mais próximo das realidades, ainda é um ilustre desconhecido da maior parte dos alunos, considerando que os mesmos não se reconhecem como agentes desse processo de produção de rejeitos e de degradação ambiental.

A segunda questão estabelece uma relação estreita com a terceira. Quando perguntado que tipo de problemas ambientais o entrevistado percebe que existem na rua ou no bairro aonde mora, as queimadas apareceram (59 vezes) representando o fator determinante, enquanto a poluição sonora apareceu (56 vezes) e poluição do ar (51), ou seja, o fator proximidade é importante na menção aos problemas.

⁴² OLIVEIRA, L. e MACHADO, L. M. C. P. Percepção, Cognição, Dimensão Ambiental e Desenvolvimento com Sustentabilidade. In: VITTE, A. C; e GUERRA, A. J. T. G. (Orgs.). *Reflexões sobre a geografia física no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 279.

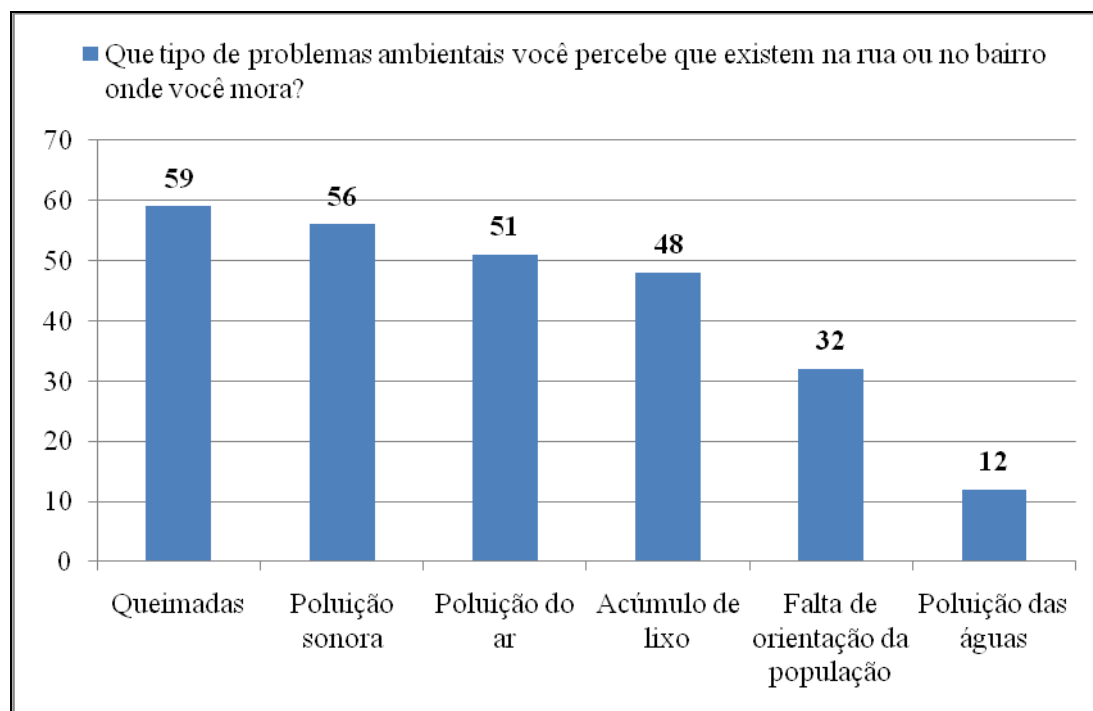


Figura 3 – Tipo de problemas ambientais existentes na rua ou no bairro dos entrevistados.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Embora a questão do lixo apareça novamente, assim como da vez anterior, não mereceu tanto destaque. Chama atenção a pouca referência que é feita a poluição hídrica, o que talvez, seja decorrente da percepção que boa parte da população brasileira possui sobre as águas, associando-as a um bem infinito e disponível para ser utilizado, inclusive, de forma equivocada, o que só vem se modificando em períodos recentes, com a crise hídrica que se abateu sobre a Região Sudeste.

No processo de construção do conhecimento dos alunos em relação ao seu espaço, ficou evidente o desconhecimento do espaço vivido. Há também a visão superficial, onde os hábitos do cotidiano marcados pela falta de interesse não os deixa perceber o que vai além da percepção visual, sem o desenvolvimento de análises mais acuradas. Isso impossibilita a construção de uma cidadania plena, que alcance a sensibilização para o meio ambiente como um patrimônio de todos, conforme apregoado nos processos conferenciais e nos PCN's.

Por último, o que chama atenção é o fato da informação ter sido mencionada por menos de 1/3 dos alunos, como um aspecto fundamental

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

para sua formação. Ou seja, a questão do conhecimento ainda não é encarada como fator importante e determinante para o enfrentamento de questões tão delicadas como as que envolvem o meio ambiente. Essa resposta talvez seja a que merece um tratamento mais qualificado, uma vez que mostra uma discussão de fundo para a sociedade brasileira: a pouca importância que se dá a informação e a transferência de responsabilidades ao outro, perdendo o foco dos problemas e de suas dimensões reais. Sobre tal aspecto Milton Santos destaca:

Através da escolha das temáticas e da seriedade no trato com os conceitos, como no caso, o devido cuidado com o termo meio ambiente, encontraremos, talvez, possibilidades de ação, contextualizar a crise ambiental, fugindo de estudos tópicos e da sedução das campanhas globais, torna-se uma necessidade urgente, se quisermos apreender e propor soluções para o meio ambiente que como já dissemos e vale insistir -, nada mais é que o meio de vida do homem, constituído na sociedade contemporânea [...] ⁴³

A questão subsequente procurou colher a percepção dos alunos sobre o meio ambiente e a postura do poder público, a partir de uma visão em que o entrevistado atribui níveis dessa atenção do poder público em relação ao meio ambiente. Assim, 46% acharam muito importantes as ações desenhadas pelo governo em relação ao meio ambiente e 30% dos alunos defendem tais intervenções como sendo extremamente relevantes.

Além desse mandato que é conferido ao poder público para fomentar a educação ambiental, é natural que os entrevistados encarem isso como um caminho a ser trilhado pela capacidade da esfera governamental em promover investimentos vultosos e ações integradas e efetivas, tanto para despertar consciência, como para atenuar problemas já existentes. Assim, o Estado é visto como um poderoso e eficaz instrumento de resolução dos

⁴³ SANTOS, Milton. A Questão do Meio Ambiente: Desafios para a Construção de uma Perspectiva Transdisciplinar. In: *Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*. v.1, n.1, ago 2006. p. 695-705, p. 703.

ARTIGOS

problemas ambientais, embora os alunos não saibam a verdadeira dimensão dessa capacidade.

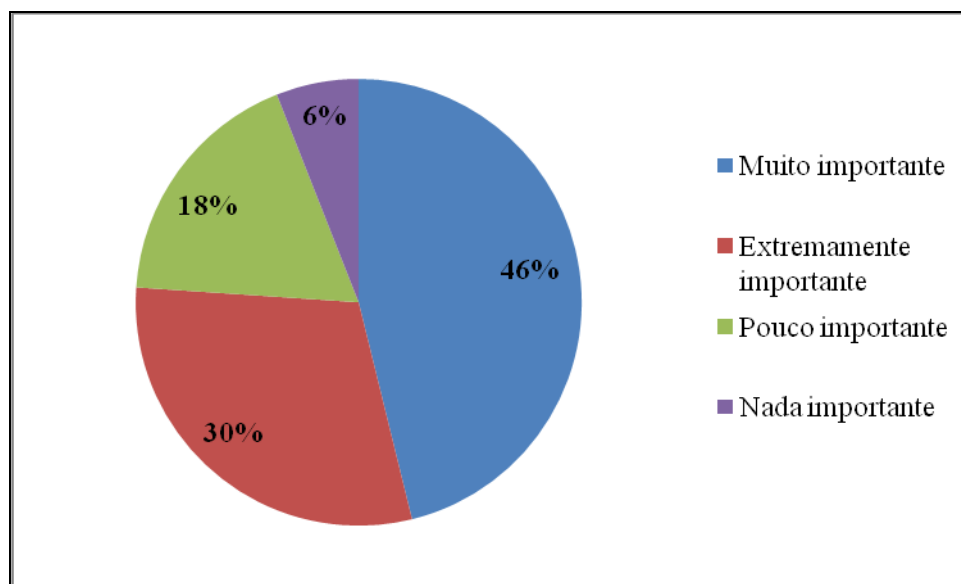


Figura 4 – Percentual da questão ambiental e o seu tratamento nas questões governamentais.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Chama atenção o número expressivo de entrevistados (24%) que atribuem pouca importância às ações governamentais. Trata-se de um conjunto de respostas que merece um estudo mais acurado, como desdobramento, inclusive para saber as razões desse descrédito em relação ao poder público. Isso talvez decorra da cultura política do brasileiro que associa governantes ao Estado, sem distingui-los na sua importância. Essa forma de percepção, coletivizada e permeada por ideologias, é tratada por Galvão e Teixeira:

Para tornar o processo mais sintético, abordando os fenômenos cognitivos, afetivos e sociais, que na realidade estão interligados, permitindo a incorporação de análises ideológicas, dos saberes populares e do senso comum, aparecem as representações sociais [...] as representações sociais se constituem numa forma de conhecimento, que é socialmente elaborado e partilhado, possui uma visão prática

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.⁴⁴

Quando indagado aos entrevistados quais os meios de comunicação com que mais se informam sobre as notícias relacionadas à preservação do meio ambiente, a televisão apareceu com destaque, além da Rede Mundial (Internet) que foi assinalada com mais freqüência, a primeira apareceu (99 vezes), enquanto a segunda (66 vezes). A escola aparece em terceiro lugar e as mídias tradicionais na sequencia – revistas e jornais impressos. A comunicação está em tudo. Tudo é comunicação, transitando num pântano invisível, transparente, entre linguagens, palavras, discursos, sons, fala, imagens, narrativas, abrigando, ainda, a discussão de uma nova dimensão da realidade, propiciada pela velocidade da luz⁴⁵.

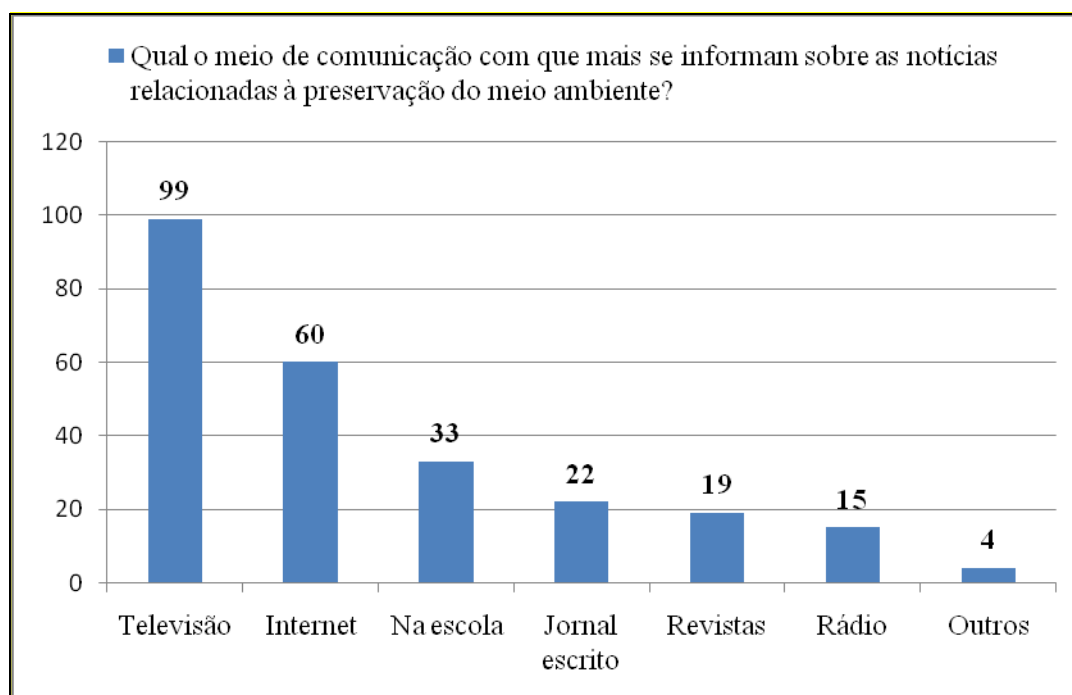


Figura 5 – Meios de comunicação utilizados para colher informações sobre o meio ambiente.

⁴⁴ GALVAO; Wilson; TEIXEIRA, Salette Kozel. Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas. In: Revista Ateliê Geográfico. Goiânia-GO v. 2, n. 3 dez/2008. p. 33-48, p. 37.

⁴⁵ SCHAUN, Angela. *Educomunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 30.

ARTIGOS

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Essa posição ocupada pela instituição escolar reclama um entendimento mais aprofundado, que não é o objeto da presente análise, mas pode sinalizar para aspectos tais como: a) metodologias ultrapassadas utilizadas em sala de aula; b) maior capacidade de interação entre o sujeito comunicante e o aprendiz; c) atualização e diversidade dos conteúdos, embora sem profundidade; e d) estruturas anacrônicas no processo de ensino e da gestão das instituições. Tais aspectos são sintetizados na fala de Vygotsky, que chama atenção ao dizer que:

[...] a proposta de formação de educadores [...] deve constituir-se em um processo que garanta a experiência já trazida pela história do sujeito, assegurando a reflexão e a ressignificação e (reelaboração) de suas ações e a superação de suas visões, pela apropriação de novas informações e saberes para a construção de novos conhecimentos e pela ampliação da capacidade reflexiva da sua ação, isto é, o movimento de uma espiral ação, reflexão e ação, a verdadeira práxis.⁴⁶

Uma importante contribuição para entender a relação dos alunos com os meios de comunicação é dada por Silva⁴⁷ ao observar que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) estão presentes ao longo de todo o processo de desenvolvimento humano, considerando tecnologia de informação toda configuração comunicativa que utiliza como apoio as tecnologias disponíveis no seu contexto histórico.

Desde a década de 1960, o uso das tecnologias de informação e comunicação, dentre elas o computador, têm propiciado também um avanço vertiginoso no armazenamento, manuseio, tratamento e comunicação de informações sobre o espaço geográfico, ou seja, não se restringe às suas potencialidades tecnológicas de estoque de dados geográficos ou de análise

⁴⁶ VYGOTSKY, L. S. *História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Madrid: Visor Distribuciones, 1995, p. 46.

⁴⁷ SILVA, Bento Duarte. A inserção das tecnologias de informação e comunicação. Repercussões e exigências na profissionalidade docente. In: MOREIRA, Antônio Flávio B; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. *Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades*. Portugal: Porto Ed. 2002. p. 65-91.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

e manipulação, mas sim sobre essa atual faceta de nova mídia de dados geográficos e, portanto, de informações geográficas, passíveis de serem utilizadas em Educação Ambiental.⁴⁸

A Rede Mundial passa cada dia mais a se constituir como um grande canal de divulgação. Primeiramente, voltada à transmissão de informações textuais, posteriormente abrangendo figuras em geral e, atualmente, difundindo músicas, fotografias, filmes, mapas, de todas as partes do mundo para todas as partes do mundo. O uso da internet, como meio de comunicação e informação, realmente acarretou uma verdadeira revolução em termos de tratamento e processamento de todo tipo de informação em relação à própria concepção de SIG e de cartografia, bem como da forma de conceber, representar e analisar o espaço geográfico.⁴⁹

Com a inserção das novas tecnologias de informação e comunicação na educação, esse modelo passa a ser um fluxo comunicativo onde o aluno se torna também produtor e criador de mensagens, construindo “[...] gradualmente a sua visão de mundo a partir de um conjunto de espaços que hoje trabalham o conhecimento e a conexão da escola com estes diversos universos, tornada possível pelas novas tecnologias que são essenciais⁵⁰”.

O uso das novas tecnologias de comunicação com enfoque na Educação Ambiental representa um avanço, já que por meio da integração da informática e dos diversos meios pode haver a sensibilização e o conhecimento dos ambientes e dos seus problemas intrínsecos.⁵¹

⁴⁸ RODRIGUES, Gelze Serrat de Souza Campos e COLESANTI, Marlene T. de Muno. Educação ambiental e as novas tecnologias de informação e comunicação. *Revista Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 20, n. 1, jun, 2008. p. 51-66, p. 61.

⁴⁹ RODRIGUES, Gelze Serrat de Souza Campos e COLESANTI, Marlene T. de Muno. Educação ambiental e as novas tecnologias de informação e comunicação. *Revista Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 20, n. 1, jun, 2008. p. 51-66, p. 62.

⁵⁰ DOWBOR, Ladislau. *Tecnologias do Conhecimento*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 47.

⁵¹ RODRIGUES, Gelze Serrat de Souza Campos e COLESANTI, Marlene T. de Muno. Educação ambiental e as novas tecnologias de informação e comunicação. *Revista Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 20, n. 1, jun, 2008. p. 51-66, p. 64.

ARTIGOS

A escola pode servir de canal para a distribuição de informações úteis à preservação e conservação do meio ambiente, além de servir como base para fins educativos e ecológicos. É, talvez, o local mais apropriado para este tipo de informação, pois ela pode encorajar ações, através de planos, projetos e programas de Educação Ambiental, além de facilitar a comunicação e a troca de experiências entre os alunos e os educadores. Nesse sentido ressalte-se as palavras de Carlos:

O trabalho do professor do ensino fundamental e médio é complexo, pois, além de realizar a leitura do espaço geográfico, ou dos espaços geográficos precisa fazer a leitura da realidade específica de seus alunos e daquilo que eles conhecem sobre o espaço geográfico; compreender de onde se originaram seus conhecimentos e suas representações, frutos da vivência, do senso comum. Que conhecimentos podem se traduzir em 'não conhecer' ou falso conhecimento.⁵²

Percebeu-se, através da Figura 6, que a maioria dos alunos (74%) deseja receber mais informações sobre preservação e conservação do meio ambiente na escola, enquanto apenas (16%) se mostraram indiferentes.

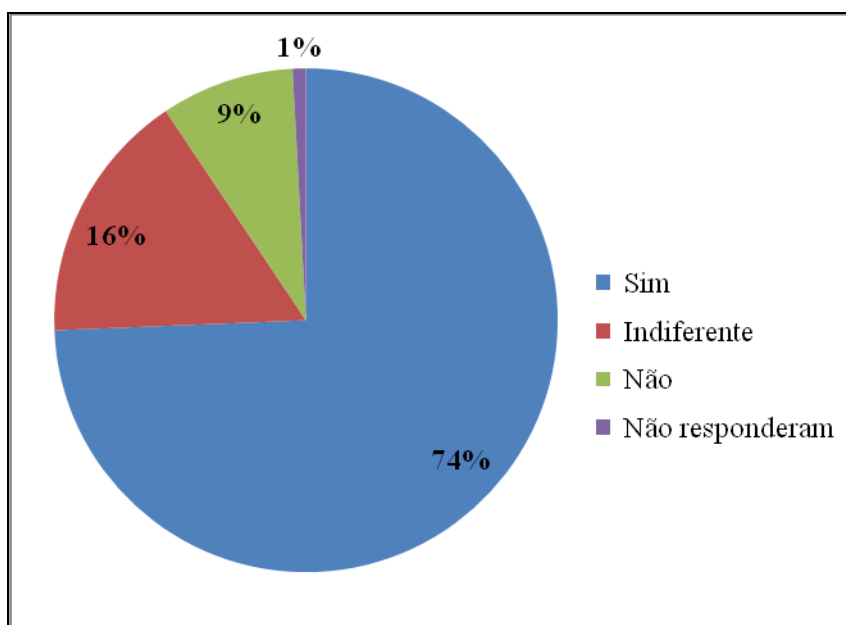


Figura 6 – Interesse dos entrevistados em receber mais informações sobre temas relacionados ao meio ambiente.

⁵² CARLOS, A. F. A. *Novos caminhos da geografia*. São Paulo: Contexto, 1999. Series: Caminhos da geografia.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

A escola tem condições de estimular o hábito de participação e a adoção de comportamentos sustentáveis no cotidiano, seja no âmbito pessoal, familiar e comunitário, fornecendo, fundamentalmente, valores, formação e apoio nas atividades que se desenvolvem.

Havia ainda uma questão que os alunos tinham que assinalar sim ou não para hábitos diários relacionados com meio ambiente, tais como desperdício de água e de energia, consumo de produtos industrializados, tratamento de lixo doméstico, ou práticas que contribuem coletivamente como andar de carro.

É perceptível a contradição que há entre as práticas do dia-a-dia dos entrevistados, pois como resta demonstrado na Figura 7, o hábito de não deixar torneiras abertas ao escovar os dentes aparece com grande frequência (93 respostas), mas quando comparado ao tempo de permanência no banho acima de 20 minutos o número aumenta para 72.

A percepção dos alunos também se mostra bastante distorcida na questão que trata do desperdício de energia, uma vez que 88 deles responderam que não desligam aparelhos elétricos quando estão fora de utilização. Isso se repete quando observadas as respostas positivas sobre a utilização das escadas em detrimento da comodidade do elevador, 62 alunos responderam que preferem o mínimo esforço do uso da “caixinha de metal”.

É interessante relembrar as questões relacionadas ao lixo doméstico e verificar como se associam ao alto índice de alunos (91) que afirmaram não separar os rejeitos diários produzidos em casa. O mesmo comportamento se observa quando a pergunta é relacionada ao consumo de produtos industrializados, que muitas vezes, possuem embalagens descartáveis ou mesmo que são produzidos a partir de insumos que impactam fortemente no meio natural.

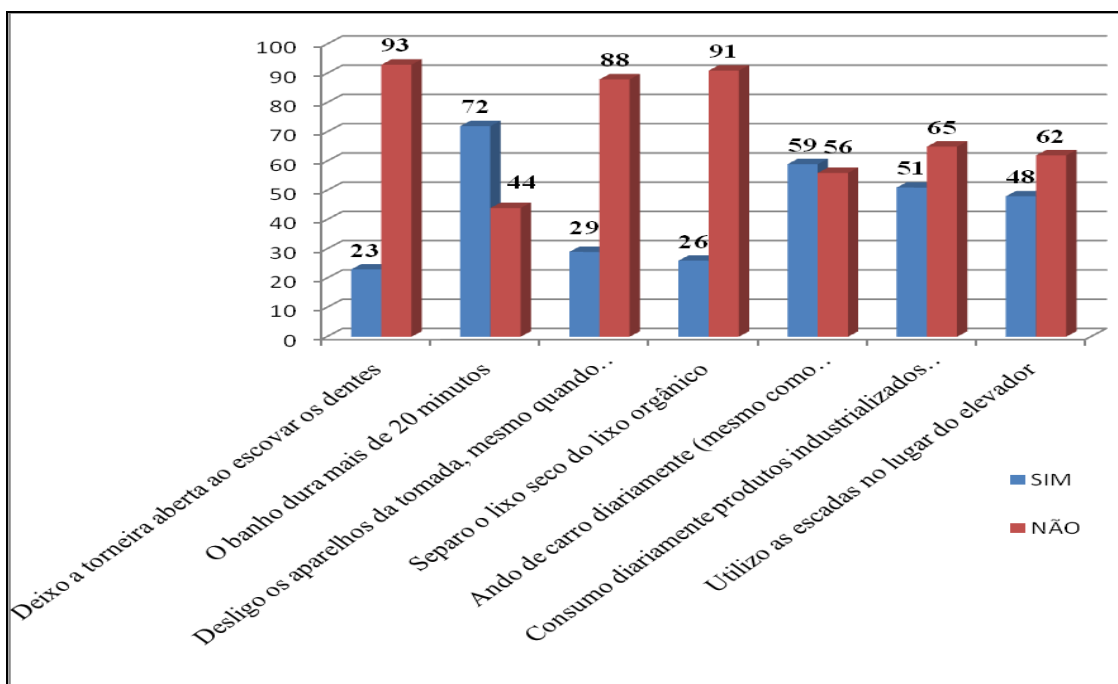


Figura 7 – Hábitos diários relacionados com o meio ambiente.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Disso, depreende-se que é extremamente difícil aplicar às práticas diárias aquilo que muitas vezes é apregoado nos discursos de proteção ambiental e da sustentabilidade como um modelo para o desenvolvimento das sociedades. Esse pode ser o ponto de partida de um debate mais estrutural que se relaciona ao modo de produção e como os sujeitos, incluindo-se os aprendizes, estão subjazidos a ele. Nesse sentido o fragmento textual oferece uma contribuição que merece reflexão:

[...] a despeito da retórica conservacionista, os pressupostos do desenvolvimento sustentável não rompem com a ideologia do crescimento [...] pelo contrário, em seu reconhecido pilar econômico-financeiro da lucratividade, presume a possibilidade da contínua e indefinida acumulação dos lucros.⁵³

A última questão pretendia que o aluno se manifestasse a respeito de sua participação nos processos de destruição ambiental, em uma clara autocrítica. Isso deveria ser manifestado através de uma régua com

⁵³ VIZEU, Fabio; MENEGHETTI, Francis Kanashiro; SEIFERT, Rene Eugenio. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. *Cad. EBAPÉ*. v. 10, n° 3, artigo 6, Rio de Janeiro, Set. 2012. p. 579-583.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

gradação, onde o entrevistado deveria se posicionar marcando seu nível de agressão ao meio ambiente em face de suas práticas cotidianas.

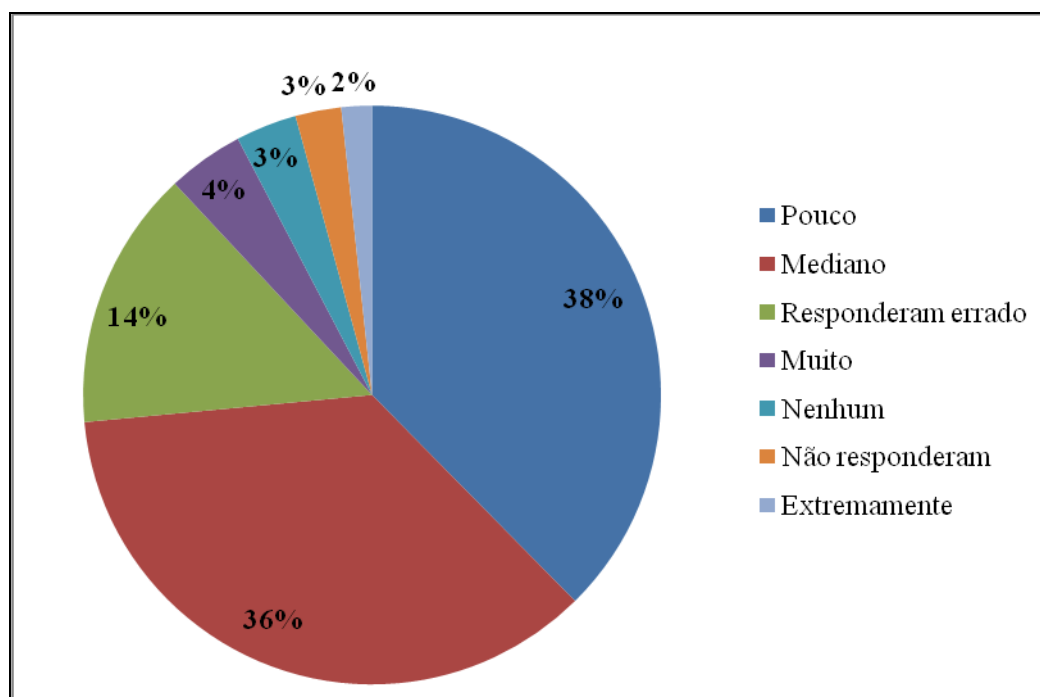


Figura 8 – Percentual de participação nos processos de agressão ao meio ambiente
Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

É interessante observar que o aluno não se reconhece como parte desse processo, uma vez que 77% se viram com, nenhuma, pouca ou média participação. Somente 6% se viram como agentes da destruição causada pelas suas práticas cotidianas.

Há, portanto, um indicativo interessante a ser explorado em futuros estudos, que aponta para a “negação” ou distanciamento de uma consciência verdadeira, a qual revele esses indivíduos como parte de um sistema produtivo que, na gênese, se alimenta dos bens naturais.

O que vai diferenciar são os padrões de consumo e, portanto, de destruição, mas que na realidade funciona de forma orgânica em que “todos” são afetados, no entanto, também são partícipes do problema. Nesse aspecto se verificou pertinência da reflexão de Moura, Meireles e

ARTIGOS

Teixeira: “A Educação Ambiental adquiriu caráter multifacetário [...] um tema transversal capaz de dialogar e unir diversos conhecimentos, mostrando-se intrinsecamente interdisciplinar [...]” e complementa que: “[...] os temas ou tópicos curriculares discussões de cunho ambiental em diversas modalidades de ensino e diversos pontos da disciplina”⁵⁴ possibilitando a consciência dos níveis de responsabilidade de cada sujeito sobre esses problemas. Entretanto, o isolamento não se dá somente no âmbito da escola, ele se dá no cotidiano desses estudantes que são levados a crer que seus comportamentos individuais não resultam em uma ação coletiva que causa danos ao meio ambiente.

São questões como essa que evidenciam o discurso esvaziado de conteúdo que toca a temática ambiental e a sustentabilidade. Isso aponta para um perigo da transferência de responsabilidades para o “outro”, que muitas vezes não tem cara nem endereço, mas que são rotulados como “os destruidores”. Isso é arrematado nas palavras de Galvão e Teixeira:

[...] o atual estado de desconhecimento da natureza, a segregação do homem em relação ao ambiente natural, gera uma insensibilidade da sociedade, que finda no sentimento de não pertencimento desta no meio ambiente.⁵⁵

Trata-se, portanto da negação da concepção original da EA, que procura incorporar as dimensões sociais, ética, cultural, política e econômica, reforçando a manutenção das relações históricas do homem com o meio natural, de pretensa dominação e da visão de apropriação ilimitada.

Considerações finais

A busca da EA como uma alternativa possível para a mudança da conduta humana em relação ao ambiente faz vários autores pensarem na possibilidade da convivência entre a espécie humana e o seu meio. A

⁵⁴ MOURA, Pedro Edson Face; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade; TEIXEIRA, Nágila Fernanda Furtado Teixeira. Ensino de geografia e educação ambiental: práticas pedagógicas integradas. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 6, n. 11, Jan/Jun. 2015. p. 47 – 59, p. 52.

⁵⁵ GALVAO; Wilson; TEIXEIRA, Salete Kozel. Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas. In: *Revista Ateliê Geográfico*. Goiânia-GO v. 2, n. 3 dez/2008. p. 33-48, p. 48.

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

escolha do tema para realizar a análise se deveu a visibilidade na vida cotidiana, embora sem a devida consciência e sua presença no processo de ensino, embora outros debates transversais pudessem ter sido objetos da análise.

Nesse sentido, a EA, nas suas diversas possibilidades, abre um estimulante espaço para repensar as práticas sociais. Essa reflexão passa pelo entendimento das condutas individuais, que ao fim, serão expressos coletivamente, como um comportamento social. Dessa forma, o enriquecimento das análises tomando por base metodologias inovadoras, pode trazer algumas respostas a esses comportamentos, mas também lançar luzes sobre novas possibilidades de entender a relação dos indivíduos com o meio ambiente e o papel do processo educacional.

Assim, os resultados do artigo demonstraram que, de um modo geral, as questões ambientais vem ocupando cada vez mais espaço nas discussões da sociedade contemporânea e grande parte dessa sociedade é sensibilizada pelo tema em questão, principalmente através dos meios de comunicação, especificamente a grande mídia, que tem o poder de abordar o assunto, na maior parte das vezes sem a devida profundidade e/ou reflexão sobre os fundamentos do processo de degradação.

Isso se reflete em uma relação paradoxal, em que se verifica um estranhamento que distancia os indivíduos do tema e, conseqüentemente de suas responsabilidades enquanto agentes no processo de degradação ambiental, tornando secundário o papel do consumo nessa problemática, além de retirar o papel da escola no sentido de formar cidadãos sensíveis e cientes de seus papéis.

Enquanto metodologia de pesquisa, as representações sociais, se mostram como um rico recurso de análise, capaz de captar esses paradoxos e também sinalizar para aspectos que poderiam ser aperfeiçoados no processo de ensino para tratar de temas diversos, embora o foco do artigo tenha se detido nas questões ambientais.

ARTIGOS

A adoção do método como forma de maior interação em sala de aula, igualmente, se mostra amplo quando se pensa em possíveis propostas de atividades no processo de ensino, apesar de ser um campo ainda pouco explorado, pela insegurança dos docentes e da resistência de algumas instituições de formação de docentes, que o encaram como pouco substancial.

Assim, apesar da significância dos temas relacionados ao meio ambiente e da preocupação em preservá-lo e tentar manter um estilo de vida mais sustentável, também percebeu-se, através dos resultados, que há uma relação paradoxal nos hábitos diários dos entrevistados, pois não adianta manter um discurso de que é preciso preservar o Planeta, se as ações se contradizem o tempo todo.

Para que isso seja possível, há necessidade de uma mudança radical nos hábitos cotidianos, o que implicaria em diminuir o consumo. Essa é uma missão que poderia ser explorada no âmbito das representações sociais, através da proposição de diversas atividades, no sentido de sensibilizar o aluno e despertar nele uma consciência ativa sobre o tema.

Portanto, o artigo teve a pretensão de explorar um recurso metodológico que serve como termômetro para determinados temas tratados nos bancos da escola, mas também, identificar inovações possíveis de serem utilizadas no processo de ensino, tornando-o mais próximo das linguagens atuais que mediam a aprendizagem.

Isso passa por uma análise que se inicia no aluno e no seu comportamento frente as tradicionais formas de ensino, passa pelos laços familiares e sociais a partir dos valores construídos e, no conjunto, deve ser objeto de reflexão no processo de formação dos docentes, o que as instituições formadoras de docentes para um esforço no sentido de ampliarem seus horizontes teórico metodológicos se libertando de opiniões pré concebidas sobre a necessidade de inovar constantemente.

Assim, ao concluir o presente artigo, verifica-se que para além de questões específicas relacionadas ao meio ambiente, a utilização de métodos relacionados às representações sociais pode ser um instrumento de

A percepção dos alunos do ensino médio em relação às questões ambientais na perspectiva das representações sociais

| João Mendes da Rocha Neto

| Késsia Gomes de Lima

“descobertas” mútuas para professores, alunos e sociedade geral na abordagem de assuntos ricos e complexos.

Apêndice - INSTRUMENTO DE PESQUISA - 1º ANO – Ensino médio

1. As questões ambientais ocupam cada vez mais espaço nas pautas de discussão da sociedade; mas o que VOCÊ acha a respeito do assunto?

- () Chato
- () Indiferente
- () Não tem nada a ver comigo
- () Interessante
- () Importante
- () Outra resposta: _____

2. Assinale, entre os problemas abaixo, aqueles que você acha que tem relação com o meio ambiente/ questões ambientais.

- () Poluição do ar
- () Desemprego
- () Superpopulação
- () Chuvas ácidas
- () Extinção das baleias
- () Aumento do consumo de energia
- () Queimadas
- () Lixo doméstico
- () Guerras
- () Miséria

3. Que tipo de problemas ambientais você percebe que existem na rua ou no bairro onde você mora?

- () Acúmulo de lixo
- () Poluição das águas
- () Poluição do ar
- () Queimadas
- () Poluição sonora (buzinas, estabelecimentos comerciais barulhentos)
- () Falta de orientação da população sobre os riscos que os resíduos sólidos causam à saúde pública

4. Na atualidade a questão ambiental tem sido constantemente tratada via ações governamentais. Como você atribui essa atenção do poder público em relação ao meio ambiente?

- () Nada importante
- () Pouco importante
- () Muito importante
- () Extremamente importante

ARTIGOS

5. Qual o meio de comunicação com que mais se informam sobre as notícias relacionadas à preservação do meio ambiente?

- () Rádio
() Televisão
() Jornal escrito
() Internet
() Revistas
() Na escola
() Outros. Qual? _____

6. Você gostaria de receber mais informações sobre preservação e conservação do meio ambiente, em sua escola?

- () Sim
() Não
() Indiferente

7. A partir do seu dia-a-dia assinale algumas práticas:

Prática	SIM	NÃO
Deixo a torneira aberta ao escovar os dentes		
O banho dura mais de 20 minutos		
Desligo os aparelhos da tomada, mesmo quando não estão sendo utilizados		
Separo o lixo seco do lixo orgânico		
Ando de carro diariamente (mesmo como acompanhante)		
Consumo diariamente produtos industrializados e de fast food		
Utilizo as escadas no lugar do elevador		

8. A partir da régua abaixo, atribua uma nota para sua participação nos processos de agressão ao meio ambiente:

_____ *Nenhum*
Pouco *Mediano* *Muito* *Extremamente*

Recebido em 23.07.2015
Aprovado em 23.08.2015